

UMA VIAGEM AFRICA.COMT
AFROFUTURISTA DO & QUEER LISBOA

BLAXPLOITATION Cinemateca Portuguesa
ZDB

AS UTOPIAS QUEER
VISUAIS E SONORAS

AN AFROFUTURISTIC

TRIP FROM 04-11.07.2015

BLAXPLOITATION TO
QUEER SONIC AND
VISUAL UTOPIAS

Filmes/Films
Instalações/Installations
Performances, Debates



are you for real?

Retomamos a visita pelos cinemas queer africanos, prolongando o ciclo *Queer Focus on Africa* integrado no festival Queer Lisboa do ano passado. Desta vez saímos de África para o mundo americano e britânico, reiterando, assim, uma das premissas da extensão que “o africano”, a “africanidade”, ocupam no AFRICA.CONT – uma força cultural que anda pelo mundo como uma corrente marítima num oceano: faz parte dele mas tem os seus próprios movimentos e temperaturas, na bela imagem de Achille Mbembe. Ficamos certamente com vontade de conhecer as configurações que essa corrente toma nas suas diásporas centro e sul-americanas, europeias e asiáticas.

Passamos de um mundo, a África, onde os géneros e as sexualidades dissidentes vivem em sociedades africanas e maioritariamente negras que mais frequentemente os excluem; para um outro em que as formas queer de vida dos afrodescendentes estão envolvidas por uma sociedade onde foram definidos, e percorridos, os movimentos e as próprias designações dessas sexualidades e géneros dissidentes a partir da segunda metade do século passado: de “homossexual” e os movimentos de homofilia, para “gay” e as frentes de libertação gay, gay e lésbicas depois, e para “queer” e as múltiplas formas de agência e de subjetividades queer até hoje. Que os processos de globalização tornaram mais ou menos conhecidos e utilizados por todo o mundo, por nós também; o que não torna mais fácil a tarefa de entender a complexidades dos contextos em que os filmes e outras formas expressivas são realizados e vistos, nem de fazer sentido destas e destes que vamos ver.

“Eu apanho com porcaria dos dois lados. Não sei se uma dói menos do que a outra, quando por um lado se é discriminado pela raça e depois te fazem sentir um pária num clube gay, ou ao tentar entrar em algum”. É uma declaração do escritor e ativista afro-britânico Vernal Scott, em comentário a um inquérito realizado pela organização FS e publicado agora na sua revista FS Magazine. As pessoas lésbicas e gay negras estão efetivamente

We resume our exploration of African queer cinema, thus extending the Queer Focus on Africa cycle featured in the Queer Lisboa festival last year. This time, we're leaving Africa proper behind for the American and British world, thus reiterating one of our premises... the extension of "African" and "African-ness" that is part of AFRICA.CONT, a cultural force abroad in the world, much as a current in the ocean: integral to the whole but with movements and temperatures all its own – in the beautiful imagery of Achille Mbembe. We are certainly eager to explore the realities that this current embodies in its Central and South American, European and Asian diasporas.

We go from one world, Africa, where dissident genders and sexualities live in African and predominantly black societies that more often than not exclude them; to another world, one in which the queer way of life of those of African descent is embedded in a society which, since the second half of the 20th century, has defined and explored the very movements and designations that define these dissident sexualities and genders: from the "homosexual" and homophilic movements, to "gay" and the multiple fronts of gay liberation, from gay to lesbian later, and then to "queer" and today's various forms of queer agency and subjectivity. Globalization processes made these ideas better known (and imitated) to a greater or lesser extent the world over, and by ourselves too; which however does little to aid the task of understanding the complexities of contexts in which these films and forms of expression are produced and seen, nor in making sense of any of those we will be watching.

"I experience crap from both angles. I can't say one hurts less than the other if you find yourself racially profiled on one hand, and then made to feel like an outcast in a gay club – or trying to get into one!" This is the testimony of the African-British writer and activist Vernal Scott, commenting on a survey conducted by the FS organization and recently published in their FS Magazine. Black lesbians and gays are effectively subject to various forms of discrimination: both racial and homophobic by the hegemonic white, but also stigmatization by their heterosexual black brothers; racial discrimination also exists within the white-majority lesbian and gay community. It is important to consider both dimensions, sexual and racial, as intersecting. And to these one can add further dimensions which also intersect: gender, class, ethnicity, and spirituality.

sujeitas a várias formas de discriminação: racial por parte dos brancos hegemônicos, homofóbica pelos mesmos, mas também são estigmatizados pelos seus irmãos negros heterossexuais; e a discriminação racial existe também da parte da comunidade lésbica e gay de maioria branca. É importante considerar as duas dimensões, sexual e racial, como uma interseção. A que se podem acrescentar outras dimensões que também se cruzam: o gênero, a classe, a etnicidade, a espiritualidade. Os nossos curadores, a Ricke Merighi e o Pedro Marum, propõem-nos uma viagem queer por algum cinema negro americano e inglês dos trinta anos que vão de 1970 a 2000. Uma viagem queer porque nos dá a ver imagens queer, mas também porque a sua conceção do programa adota ela própria uma posição queer – meticulosamente crítica de todas as formas de normatividade, de todas as identidades e fronteiras que limitam a experiência humana. A eles, bem como ao João Ferreira, queremos deixar o nosso agradecimento. Um conjunto de documentários experimentais e vídeo-ensaios relaciona, horizontalmente, produções de dois movimentos culturais negros de vanguarda, com origem americana, ambos sem nome quando nasceram na primeira metade dos anos 1970. Num deles, *Blaxploitation*, propriamente cinematográfico embora com uma fortíssima presença musical, realiza-se o primeiro cinema negro independente nos Estados Unidos. Em que os personagens se representam adotando picarescamente os mais fortes estereótipos dos brancos sobre os negros – o “Macho Black”, “proxeneta”, “bandido”, “perigoso”, “infantil”, “feiticeiro”, e a negra uma “Jezebel” sexualmente descontrolada, promíscua e imoral. O outro estabelece relações entre música, moda, ciência, ficção científica e histórica, fantasia, espiritualidade, artes visuais, e cinema é claro; produzindo um dos modos mais imaginativos de re-definir e re-imaginar a experiência negra atlântica – do deslocamento forçado, da alienação cultural, de ser o Outro americano, no passado, no presente e no futuro, trabalhando-os através de uma linha temporal que questiona qual veio primeiro. No centro desta sensibilidade cultural a que se chama Afrofuturismo, uma equivalência inesperada e surpreendente entre o “navio negreiro” e a “nave espacial”. *Are you for real?*

Our curators, Ricke Merighi and Pedro Marum, suggest a queer trip through a sample of American and English black cinema from the three decades between 1970 and 2000. This is a queer trip because it displays queer images, but also because the programme concept itself adopts a queer outlook – thoroughly critical of all forms of normativity, of all identities and boundaries that limit human experience. To them, and to João Ferreira, our thanks.

A series of experimental documentaries and video-essays connects, horizontally, the creations of two avant-garde black cultural movements, of American origin, both still nameless at inception during the first half of the 1970s. One, Blaxploitation, mainly cinematic, albeit with a very strong musical element, heralds the birth of the first independent black movies in the USA. A cinema in which the characters boldly adopt the powerful stereotypes foisted by whites on blacks – the “Black Macho”, “pimp”, “criminal”, “dangerous”, “childish”, “wizard” and of course the black “Jezebel”, sexually out-of-control, promiscuous and immoral. The other movement redraws relationships between music, fashion, science, science and historical fiction, fantasy, spirituality, the visual arts, and cinema itself; spawning one of the most imaginative re-definitions and re-imaginings of the black Atlantic experience – revisiting forced displacement, cultural alienation, and being the American Other, in the past, present, and future, reworking all of this through a temporal continuity which questions what came first. At the heart of this cultural sensitivity, of what is known as Afrofuturism, there is an unexpected and surprising analogy between “slave ship” and “spacecraft”. Are you for real?

José António Fernandes Dias
Africa.Cont

uma viagem afrofuturista / an afrofuturistic trip

Como sugere o seu título, este programa fundamenta-se em dois eixos: a experiência do cinema *Blaxploitation* norte-americano e o movimento artístico transnacional (e trans-planitário) do Afrofuturismo, reescrevendo as histórias da diáspora africana e da escravidão através de novos paradigmas cosmológicos, mitologias e tecno-futurismos.

Numa perspetiva queer, é certamente de grande interesse observar estes paradigmas pelo prisma da interseção entre várias categorias de poder, como raça, gênero e sexualidade, bem como notar como ambos os fenómenos influenciaram – e ainda influenciam – muitas expressões artísticas queer “negras” visuais e musicais, no Reino Unido, EUA ou Jamaica, como a *soul*, *hip hop*, *rap*, *bouncing*, *voguing*... Pretendemos abrir o discurso sobre as várias utopias visuais e sonoras resultantes das diásporas africanas em países anglófonos e, por sua vez, a disseminação destas pelo mundo inteiro.

Nos minutos finais de *Space is the Place*, o filme interpretado pelo músico de jazz Sun Ra em 1974, aparece uma cena que pode ajudar a sintetizar o sentido que unifica os títulos do programa, bem como os eventos musicais, as performances e instalações que o completam. Durante um concerto de Sun Ra, dois agentes de polícia “brancos” disparam contra um jovem “negro”, deixando-o morto no palco. Sun Ra e a sua Arkestra continuam a tocar; as ondas musicais ressuscitam o jovem e transportam-no para o espaço, àquele lugar onde o músico está a tentar transferir todos as pessoas “negras” dos EUA. De um realismo chocante e muito atual, o adolescente estendido no seu próprio sangue é transfigurado, literalmente elevado para um espaço simbólico fora do tempo, da história, um espaço de renascimento e justiça utópica.

Ainda que seja desafiante descrever a figura de Sun Ra em poucas palavras, o aspeto que mais nos impulsionou a criar este programa é a sua ruptura iconográfica com os modelos prevalecentes na época, seja na cena musical do jazz, seja no ativismo “negro”. A sua performance da masculinidade “negra”, mas

The present programme, as its title suggests, rests upon two key elements: the experience of the North-American cinema of Blaxploitation, and the trans-national (and trans-planetary) artistic movement known as Afrofuturism, which rewrote the histories of the African diaspora and slavery through new cosmological paradigms, mythologies, and techno-futurisms.

From a queer perspective, their analysis through the prism of the intersection between different categories of power, such as race, gender, and sexuality is certainly of great interest, as is realizing that both have influenced, and still influence, several queer “black” visual and musical artistic expressions, in the USA and the UK as well as in Jamaica, such as soul, hip hop, rap, bouncing, voguing... Our intention is to begin a conversation upon various visual and musical utopias stemming from the African diasporas in English-speaking countries and, subsequently, their dissemination across the world.

In the final minutes of Space is the Place, the 1974 film starring jazz musician Sun Ra, there is a scene that may help summarize the common thread between all the films in this programme, as well as the complementary musical events, performances, and installations. While Sun Ra is performing live, two “white” police officers shoot a young “black” man, and leave him dead on stage. Sun Ra and his Arkestra continue to play, and their sound waves resurrect the young man and transport him into Space, to the place where the musician is attempting to transport all American “blacks”. Of an extremely upsetting and current realism, the teenager lying in a pool of his own blood becomes transfigured, literally lifted off into a symbolic space outside time and history, a space for rebirth and utopian justice.

Even though Sun Ra’s figure is difficult to summarize, the aspect that moved us to create this programme is his iconographic break with contemporary models, both on the jazz musical scene and “black” activism. His performance of “black” masculinity, as well as his idea of musical resistance against the racist violence of the post-slavery society, does indeed seem to come from another world. In drag as a pharaoh, Egyptian god, or alien, he reminded the “black” youth that he was not real. Are you for real? No-one among them could be, because all Afro-American history is an unreal, monstrous sci-fi horror; from which only the freedom of sound could redeem them and lead them to a different reality. It isn’t hard to understand how “black” activists at the time

também a sua ideia de resistência musical contra a violência racista da sociedade pós-escravatura, parecem vir de outro mundo. Em *drag* como faraó, deus egípcio, alienígena, ele recordava à juventude “negra” que não, ele não é real. *Are you for real?* Nenhum deles o podia ser, porque toda a história dos afro-americanos é um irreal e monstruoso horror de ficção científica, do qual só a liberdade do som pode resgatá-los, levando-os para outra realidade. Não é difícil imaginar como este tipo de abordagem pudesse deixar perplexos, senão mesmo hostis, muitos ativistas “negros” da época. Também nos interessava reenquadrar a utopia de Sun Ra no contexto do cinema *Blaxploitation*, pois seria difícil conceber um filme como *Space is the Place*, sem o antecedente de fertilíssimos anos durante os quais o género conheceu um sucesso extraordinário, oferecendo, entre centenas de títulos, *Sweet Sweetback Baadassss Song*, um filme tão inovador na sua linguagem visual e narrativa, quanto pioneiro, ao conceder subjetividade a personagens “negros” longe de arquétipos, como o vilão ou o escravo, e garantindo-lhes uma possibilidade de fuga à opressão “branca”, um futuro para lá dos créditos finais do filme.

O fenómeno do *Blaxploitation*, para aqueles que trabalham o conceito de “queer”, é tão atrativo quanto problemático. Um cinema marginal, que procura dar visibilidade a categorias oprimidas e excluídas da representação *mainstream* no cinema americano – o mesmo cinema cuja história é marcada por *The Birth of a Nation*, de D. W. Griffith, em que o Ku Klux Klan é abertamente celebrado – mas que ao mesmo tempo necessitava de sucesso de bilheteira, encontrando-o com recurso a uma afirmação nacionalista afro-americana sustentada e reforçada por elementos sexistas e homofóbicos. Foi, no entanto, este o género que nos deu a conhecer Pam Grier, “queen of *Blaxploitation*”, a atriz que deu vida a personagens como Coffy ou Foxy Brown, que se destacaram pela sua força incrível na luta contra o sexismo, tornando-as símbolos de referência nos discursos feministas “negros”. Também Isaac Julien, cujos vários filmes integram este programa, se debruçou sobre o cinema *Blaxploitation* no filme *Badassss Cinema: A Bold Look at 70s Blaxploitation Cinema*, explorando a sua relevância na

would react with perplexity, if not outright hostility to such a stance. We were, however, also especially interested in reframing Sun Ra’s utopia in the groove of *Blaxploitation* cinema. It would indeed be hard to imagine a film such as *Space is the Place*, were it not for the previous two or three extremely fertile years, during which the genre had blossomed and offered, among hundreds of titles, *Sweet Sweetback Baadassss Song*, such an innovative film in its visual and narrative languages – as well as a pioneering example of “black” characters claiming their own subjectivity, while eschewing stereotypes such as the villain or the slave; and being given a chance to escape “white” oppression and have a future after the credits roll.

The phenomenon of *Blaxploitation* is, for those who work with the concept of “queer”, as attractive as it is problematic. A marginal cinema, which attempts to boost the visibility of categories which are oppressed and excluded from mainstream US film representation (one could recall that this was the very American cinema whose early history featured *The Birth of a Nation*, by D. W. Griffith, a film in which the Ku Klux Klan is fully and openly celebrated), but at the same time, sought quick box office results – and found them through the use of an African-American nationalist affirmation sustained and strengthened by sexist and homophobic notes. However, this also was the genre which made Pam Grier popular as the “queen of *Blaxploitation*”, through characters such as *Coffy* and *Foxy Brown*, which in their extraordinary strength in confronting sexism, became symbols of reference in “black” feminist discourses.

Isaac Julien, whose films feature in the present programme, also examined *Blaxploitation* in his *Badassss Cinema: A Bold Look at 70s Blaxploitation Cinema*, and in particular its relevance in representing the black community on the big screen – while also questioning its sexist and homophobic stance. On the other hand, in *The Darker Side of Black*, Julien explores popular “black” culture in the USA; Jamaica, and the United Kingdom, using rap and reggae as examples, and considering how their affirmation occurred through the ritualization of machismo, misogyny, homophobia, and the glorification of weapons. If, on the one hand, certain movements are strongly characterized by racism and homophobia, we find some respite in those who aspired to create dissident and queer alternatives.

representação da comunidade negra no grande ecrã e questionando ao mesmo tempo a sua postura sexista e homofóbica. Já em *The Darker Side of Black*, Isaac Julien explora o panorama da cultura popular “negra” nos EUA, Jamaica e Reino Unido, tendo como exemplo o rap e o reggae e, por sua vez, como estes se fizeram afirmar pela ritualização do machismo, a misoginia, a homofobia e a glorificação das armas. Se, por um lado, temos movimentos fortemente marcados pelo sexismo e pela homofobia, encontramos alívio em movimentos que pretendiam criar alternativas queer e dissidentes. Revisitamos então *Paris is Burning*, filme que deu visibilidade internacional ao voguing, movimento nascido no seio das comunidades gay e trans “negras” e “latinas” de Nova Iorque. Reclamando os *dancehalls* como espaços políticos queer, o voguing deu origem a uma utopia longe da discriminação racial e sexual que continua a ser uma fonte de inspiração na produção artística contemporânea. Como tal, propomos celebrar este programa não só através do cinema mas também através da música e da dança. Para tal decidimos convidar artistas e performers, como Vaginal Davis e Liad Hussein Katorowicz, cujos trabalhos exploram a relação entre o racismo, a sexualidade e a diáspora nas experiências queer, Berries, para uma noite de música de homo pop e queer rap e ainda a House of Melody, que orientará workshops e apresentará um espetáculo de voguing na noite de encerramento.

Neste programa é ainda possível assistir a *A person is more important than anything else...*, de Hank Willis Thomas, uma instalação de múltiplos canais onde assistimos a um fluxo de imagens e sons pelos quais James Baldwin transita, enquanto manifesta as suas preocupações com questões de raça, género, classe e sexualidade.

Aproveitamos ainda esta ocasião para assinalar a apresentação do livro *In a Qu*A*re Time and Place. Post-Slavery Temporalities, Blaxploitation, and SunRa’s Afrofuturism between Intersectionality and Heterogeneity*, de Tim Stüttgen, um trabalho de grande importância e paixão, peça fundamental de inspiração para este programa.

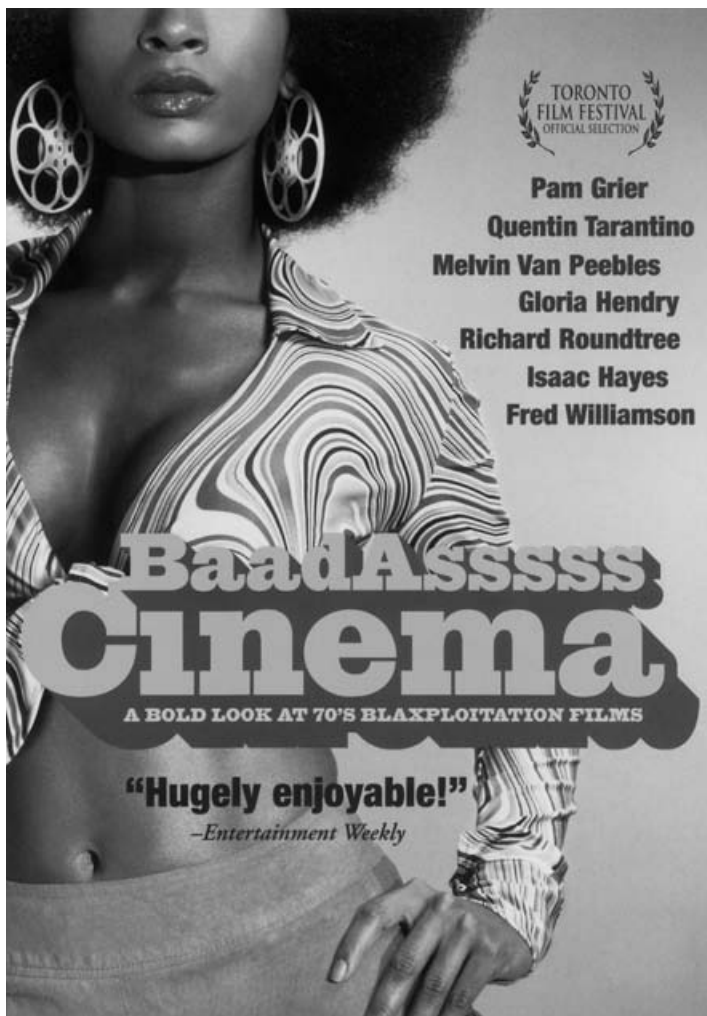
We return thus to *Paris is Burning*, the film which gave voguing, a movement born within the gay and trans “black” and “latino” communities of New York, international popularity. By reclaiming *dancehalls* as queer political spaces, voguing gave rise to an utopia, far from sexual and racial discrimination, and still inspires current artistic productions.

This is why we suggest a celebration of our programme not just through film, but also through music and dance, and why we decided to invite artists and performers, such as Vaginal Davis and Liad Hussein Katorowicz, whose work explores the relation between racism, sexuality, and diaspora in queer experiences; Berries, for a night of homo pop and queer rap music; as well as House of Melody, who will lead workshops and perform in a voguing show on the closing night.

The programme also includes *A person is more important than anything else...*, by Hank Willis Thomas, a multi-channel installation comprising a flux of sound and images traversed by James Baldwin, and his concerns upon issues of race, gender, class, and sexuality.

We also seize the opportunity to single out the launch of the book *In a Qu*A*re Time and Place. Post-Slavery Temporalities, Blaxploitation, and SunRa’s Afrofuturism between Intersectionality and Heterogeneity*, by Tim Stüttgen, a dense and passionate book to which we owe a great debt of inspiration.

Pedro Marum e Ricke Merighi
(Curadores / Curators)



BaadAsssss Cinema: A Bold Look at 70's Blaxploitation Films

Realização / Director: Isaac Julien

UK/USA, 2002, 58'

Documentário / Documentary

Cor / Colour

Digibeta

v. o. Inglesa, legendagem em português

M/ 16 anos / Over 16 yo

Guião / Screenplay: Isaac Julien; Adam Finch

Montagem / Editing: Adam Finch

Fotografia / Photography: Neal Brown, Gary Kinkead,
Jonathan Partridge

Som / Sound: Ben Young

Produção / Production: Paula Jalfon, Colin MacCabe,
Caroline Kaplan

Música / Music: Andy Cowton

O documentário de Isaac Julien examina a breve, mas extremamente influente, explosão do cinema independente comercial afroamericano do início dos anos 1970, conhecida como blaxploitation. O filme, repleto de fragmentos e testemunhos de destacados representantes do movimento, incluindo os atores Pam Grier e Fred Williamson, os realizadores Melvin Van Peebles e Gordon Parks Jr., bem como fãs contemporâneos, tais como Quentin Tarantino ou Samuel L. Jackson, e críticos como bell hooks, contextualiza os filmes e coloca numerosas questões políticas e cinematográficas.

Isaac Julien's documentary examines the short-lived, but deeply influential, flourishing of commercial "black" independent filmmaking in the early 1970s which became known as blaxploitation. Filled with fragments and contributions from luminaries of the time, including actors Pam Grier and Fred Williamson, directors Melvin Van Peebles and Gordon Parks Jr., contemporary fans Quentin Tarantino and Samuel L. Jackson, and critics like bell hooks, the documentary sets the films of the period in their context and asks a series of political and filmic questions.

8 julho, quarta-feira / July 8, Wednesday
Cinamateca Portuguesa - Museu do Cinema
Sala / Room Dr. Félix Ribeiro, 21h30

Biofilmografia / Biofilmography
Isaac Julien (Londres, 1960) é um artista que trabalha com instalações e cineasta de renome. A sua obra inspira-se num leque de disciplinas e práticas (cinema, dança, fotografia, música, teatro, pintura e escultura), fornecendo um comentário sobre as mesmas e unificando-as em dramáticas instalações filmicas, trabalhos fotográficos e filmes documentários. A obra de Julien já foi apresentada em festivais artísticos e de cinema, entre os quais Cannes (1991), Documenta 11 (2002) e, mais recentemente, na 56.ª Bienal de Veneza (2015), em parceria com o curador Okwui Enwezor.

Isaac Julien (London, 1960), is an influential installation artist and filmmaker. His work draws from and comments on a range of disciplines and practices (film, dance, photography, music, theater, painting, and sculpture) and unites them in dramatic audiovisual film installations, photographic works, and documentary films. Julien's work has been included in film and art festivals such as Cannes (1991), Documenta 11 (2002), and more recently at the 56th Venice Biennale (2015), in collaboration with curator Okwui Enwezor.

TEN THOUSAND WAVES (2010);
FRANTZ FANON: WHITE SKIN,
BLACK MASK (1995); THE
DARKER SIDE OF BLACK (1994);
YOUNG SOUL REBELS (1991);
TERRITORIES (1985)





Born in Flames

Realização / Director: **Lizzie Borden**

USA, 1983, 80'

Longa-Metragem Ficção / Feature Film

Cor / Colour

DVD

v. o. Inglesa, legendagem em português

M/ 16 / Over 16 yo

Guião / Screenplay: **Joshua Smith**

Montagem / Editing: **Lizzie Borden**

Fotografia / Photography: **Seth Hill, Pat Riley**

Som / Sound: **Tom Crawford, Rachel Field, Rachel Reichman, Dan Edelman**

Produção / Production: **Lizzie Borden**

Música / Music: **The Bloods, The Red Crayola, IBIS**

Intérpretes / Cast: **Honey, Adele Bertei, Jean Satterfield**

***Born in Flames* é um filme feminista de ficção científica que explora o racismo, o classismo, o sexismo e o heterossexismo num futuro alternativo. Em Nova Iorque, dez anos após uma viragem política radical e não violenta para o igualitarismo e a democracia social, uma sociedade que já foi progressista empreende o seu regresso ao patriarcado. Nas rádios clandestinas fazem-se ouvir as vozes da resistência, enquanto nas ruas o Exército das Mulheres opera para organizar a comunidade em vistas à ação direta por meio de protestos laborais, esquadrões de vigilantes e táticas de guerrilha. O assassinato da líder do movimento, obra de uma agência governativa, funciona como catalisador para a ação coletiva contra o sistema de todas as fações feministas, até então hostilizadas.**

Born in Flames is a feminist science fiction film that explores racism, classism, sexism and heterosexism in an alternative future. Set in New York, ten years after a radical, nonviolent political shift toward egalitarianism and social democracy, a formerly progressive society starts heading back to patriarchy. Voices of resistance can be heard in underground radios while in the streets, the Women's Army works to organize the community for direct action via labor protests, vigilante squads and guerrilla tactics. The assassination of the leader of the movement at the hands of a government agency catalyzes previously alienated feminist factions into taking collective action against the system.

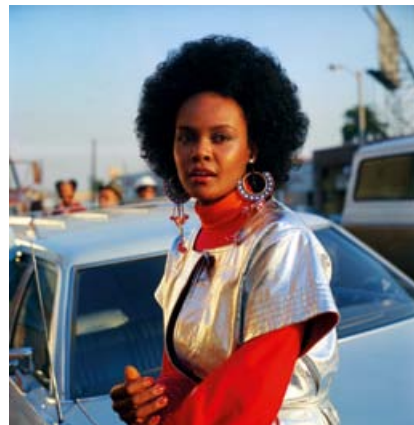
9 julho, quinta-feira / July 9, Thursday
Cinamateca Portuguesa – Museu do Cinema
Sala / Room Dr. Félix Ribeiro, 19h00

Biofilmografia / Biofilmography
Lizzie Borden (Detroit, 1950) começou a sua carreira como cineasta feminista ao estudar arte no Wellesley College, no estado de Massachusetts. Depois de mudar para Nova Iorque, decidiu ser pintora mas, ao assistir a uma retrospectiva de filmes de Jean-Luc Godard, ficou inspirada para experimentar com o cinema, optando por uma abordagem *naïf* à produção cinematográfica.

Lizzie Borden (Detroit, 1950) started her career as a feminist filmmaker when she majored in art at Wellesley College in Massachusetts. After she moved to New York she decided to become a painter. However, after attending a retrospective of the films of Jean-Luc Godard, she was inspired to experiment with cinema and favored a "naive" approach to film production.

LOVE CRIMES (1992);
 WORKING GIRLS (1986);
 REGROUPING (1976)





Cleopatra Jones

Realização / Director: Jack Starrett

USA, 1973, 89'

Longa-Metragem Ficção / Feature Film

Cor / Colour

35mm

v. o. Inglesa, legendagem em português

M/ 16 / Over 16 yo

Guião / Screenplay: Max Julien, Sheldon Keller

Montagem / Editing: Allan Jacobs

Fotografia / Photography: David M. Walsh

Som / Sound: Bud Alper

Produção / Production: Max Julien, William Tennant

Música / Music: JJ Johnson

Intérpretes / Cast: Tamara Dobson, Bernie Casey, Shelley Winters, Brenda Sykes

Cleopatra Jones (Tamara Dobson) é uma agente especial americana infiltrada, empenhada na luta contro o tráfico de drogas. Embora tenha o glorioso semblante de uma deusa funk, uma heroína especializada em artes marciais ao volante de uma Corvette Stingray de 1973 (completa de armas automáticas), ela mantém-se fiel à sua comunidade, devastada pelas drogas, e ao seu namorado, Reuben Masters (Bernie Casey), que gere a B&S House (uma casa para recuperação de dependentes das drogas). Depois de ela queimar um campo de papoilas na Turquia, a conhecida traficante Mommy (Shelley Winters), furiosa pela perda das suas fontes, jura destruir Cleopatra Jones.

Cleopatra Jones (Tamara Dobson) is an undercover special agent for the USA assigned to crack down on drug-trafficking. While she evokes the glory of a funk goddess, an heroine specialized in martial arts who rides a '73 Corvette Stingray (equipped with automatic weapons), she remains loyal to her drug-ravaged community and her lover, Reuben Masters (Bernie Casey), who runs B&S House (a community home for recovering drug addicts). After she burns a Turkish poppy field, the notorious drug-lord Mommy (Shelley Winters) is furious at the loss of her supply and vows to destroy Cleopatra Jones.

6 julho, segunda-feira / July 6, Monday
Cinamateca Portuguesa – Museu do Cinema
Sala / Room Dr. Félix Ribeiro, 21h30

Biofilmografia / Biofilmography
Jack Starrett foi um ator e realizador de grande versatilidade, que se especializou em filmes exploitation de baixo orçamento, rudimentares e para serem vistos em drive-ins. Trabalhou em campos petrolíferos antes de se mudar para Hollywood e estreiar-se como actor no filme de 1961 Like Father Like Son. Conhecido pelo seu toque com perseguições de automóveis, explosões e cenas de ação no popular género de redneck exploitation, que se popularizou nos anos 70, também se afirmou no género blaxploitation, enquanto realizador do reconhecido filme Cleopatra Jones. Jack Starrett was a versatile actor and director who specialized in making hugely enjoyable making n'dirty low-budget drive-in exploitation pictures. He worked in the oil fields before going to Hollywood making his acting debut in the 1961 film Like Father Like Son. Known for style with car chases, explosion and action in the popular redneck exploitation genre, which was hot in the 70s, he was also known within the Blaxploitation genre, as the director of the acclaimed Cleopatra Jones.

KISS MY GRITS (1982); THE NEW SPARTANS (1975); SLAUGHTER (1972); RUN, ANGEL, RUN! (1969)





Coffy

Realização / Director: **Jack Hill**
USA, 1973, 91'

Longa-Metragem Ficção / Feature Film
Cor/Colour
Blu-ray

v. o. Inglesa, legendagem em português
M/ 18 anos / Over 18 yo

Guião / Screenplay: **Jack Hill**

Montagem / Editing: **Chuck McClelland**

Fotografia / Photography: **Paul Lohmann**

Som / Sound: **Donald F. Johnson, Gene Corso, Jules Strasser**

Produção / Production: **Robert A. Papazian**

Música / Music: **Roy Ayers**

Intérpretes / Cast: **Pam Grier, Booker Bradshaw,**
Robert DoQui, William Elliott

Coffy foi o primeiro papel de protagonista para Pam Grier, que aqui interpreta uma enfermeira apaixonada pelo seu trabalho, mas cansada dos narcóticos que invadiram a cidade. Depois da irmã de onze anos ser internada por ter injetado heroína contaminada, Coffy sai à rua com uma espingarda carregada, determinada a parar de vez o tráfico de drogas. Coffy entrega-se a uma razia, atacando primeiro os dealers de rua e os chulos como o esquálido King George, e gradualmente chegando aos mais poderosos.

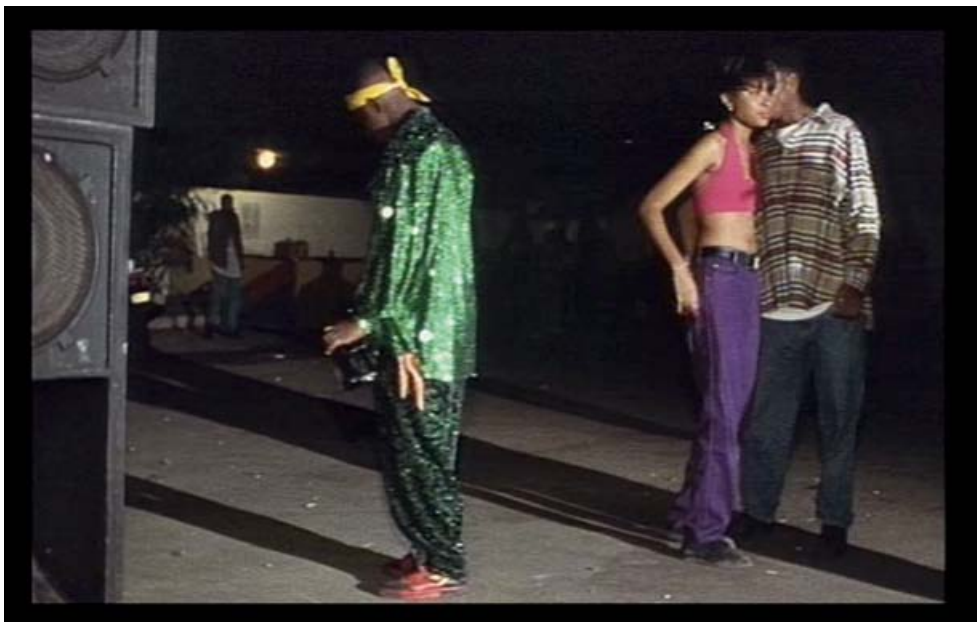
Pam Grier's first leading role is Coffy, a dedicated nurse who is fed up with the narcotics that have infiltrated the inner city. When her eleven-year-old sister is hospitalized after shooting some contaminated heroin, Coffy hits the streets with a loaded shotgun, determined to stop the drug trade once and for all. Coffy goes on a killing rampage, at first going after street dealers and pimps such as sleazy King George then gradually working her way up to bigger honchos.

11 julho, sábado / July 11, Saturday
Cinamateca Portuguesa - Museu do Cinema
Sala / Room Dr. Félix Ribeiro, 15h30

Biofilmografia / Biofilmography
Jack Hill (nascido em 1933)
é um realizador americano, conhecido pelo seu trabalho no género *exploitation*. Ele cresceu no meio do cinema - o pai trabalhava como cenógrafo para os estúdios da Disney e da Warner Brothers. Hill estudou cinema na Universidade da Califórnia. Entre outras descobertas suas, destaca-se Pam Grier, que protagonizou quatro dos seus filmes, incluindo *Coffy* e *Foxy Brown*. *Jack Hill (born in 1933) is an American film director, noted for his work in the exploitation film genre. He grew up around movies - his father was a designer for the Disney studios and Warner Brothers. He studied film at the University of California. Hill's discoveries include Pam Grier, who starred in four of his films, including Coffy and Foxy Brown.*

THE JEZEBELS (1975); FOX BROWN (1974); BIG DOLL HOUSE (1971); THE TERROR (1963)





The Darker Side of Black

Realização / Director: Isaac Julien

UK, 1994, 55'

Documentário / Documentary

Cor/Colour

Digibeta

v. o. Inglesa, legendagem em português

M/ 16 anos / Over 16 yo

Guião / Screenplay: Isaac Julien

Montagem / Editing: Joy Chamberlain

Fotografia / Photography: Arthur Jafa, David Scott

Produção / Production: Lina Gopaul, David Lawson

Música / Music: Trevor Mathison

O *Gangsta chic*, a violência e o niilismo próprios do lado mais duro do rap e do reggae estão a afirmar o seu domínio sobre a cultura popular “negra”. Este filme propõe uma investigação inteligente e provocadora das complexas questões levantadas pelo género, incluindo a ritualização do machismo, a misoginia, a homofobia e a glorificação das armas. *The Darker Side of Black* leva-nos a Londres, à Jamaica e aos Estados Unidos, mostrando-nos imagens filmadas em *dancehalls* e clubes de *hip hop*, entrevistas e fragmentos de vídeos musicais. O filme reúne músicos tão variados como Buju Banton, Shabba Ranks e a britânica Moni Love. O filme é a muito esperada análise do lado escuro da música “negra” contemporânea. *Gangsta chic*, violence and nihilism, the hard edge of Rap and Reggae increasingly dominates the image of “black” popular culture. This is an intelligent and provocative investigation of the complex issues raised by the genre, such as ritualized machismo, misogyny, homophobia, and gun glorification. Filmed in dance halls, hip hop clubs, and using interviews and music video clips, *The Darker Side of Black* takes us to London, Jamaica and the USA. The film brings together diverse musicians as Buju Banton, Shabba Ranks, and Britain’s Moni Love. It is a long overdue examination of the darker side of contemporary “black” music.

10 julho, sexta-feira / July 10, Friday
Cinamateca Portuguesa – Museu do Cinema
Sala / Room Dr. Félix Ribeiro, 19h00

Biofilmografia / Biofilmography
Isaac Julien (Londres, 1960) é um artista que trabalha com instalações e cineasta de renome. A sua obra inspira-se num leque de disciplinas e práticas (cinema, dança, fotografia, música, teatro, pintura e escultura), fornecendo um comentário sobre as mesmas e unificando-as em dramáticas instalações filmicas, trabalhos fotográficos e filmes documentários. A obra de Julien já foi apresentada em festivais artísticos e de cinema, entre os quais Cannes (1991), Documenta 11 (2002) e, mais recentemente, na 56.ª Bienal de Veneza (2015), em parceria com o curador Okwui Enwezor.

Isaac Julien (London, 1960), is an influential installation artist and filmmaker. His work draws from and comments on a range of disciplines and practices (film, dance, photography, music, theater, painting, and sculpture) and unites them in dramatic audiovisual film installations, photographic works, and documentary films. Julien’s work has been included in film and art festivals such as Cannes (1991), Documenta 11 (2002), and more recently at the 56th Venice Biennale (2015), in collaboration with curator Okwui Enwezor.

TEN THOUSAND WAVES (2010);
 FRANTZ FANON: WHITE SKIN,
 BLACK MASK (1995); THE
 DARKER SIDE OF BLACK (1994);
 YOUNG SOUL REBELS (1991);
 TERRITORIES (1985)





Last Angel of History

Realização / Director: **John Akomfrah**
UK, 1996, 45'

Documentário / Documentary

Cor/Colour

DCP

v. o. Inglesa, legendagem em português
M/ 16 / Over 16yo

Guião / Screenplay: **Edward George**

Montagem / Editing: **Justin Amsden**

Fotografia / Photography: **David Scott**

Som / Sound: **Peter Hodges**

Produção / Production: **Lina Gopaul**

Música / Music: **Trevor Mathison**

Em *The Last Angel of History*, um hacker estabelece um pacto faustiano ao vender a sua alma em troca de segredos do seu futuro. O filme leva-nos numa viagem de África à lua e retorno, das margens da cultura "negra" até ao seu coração interestelar. O filme traça uma nova interface, estabelecendo conexões e diálogos entre vários grupos interestelares "negros" que, tendo muito em comum, permanecem quase totalmente ignorantes da sua existência recíproca. *The Last Angel of History* destaca alguns grandes viajantes da música e da literatura dos nossos tempos, de Sun Ra a Nichelle Nichols, de George Clinton a Lee Perry, Goldie e os Underground Resistance.

In The Last Angel of History a computer hacker enters a Faustian pact in which he trades his soul for secrets of his future. From Africa to the moon and back it takes us on a voyage, from the margins of "black" culture to its interstellar heart. The film charts a new interface, striking up connections and dialogues between diverse "black" interstellar parties who have so much in common, and yet for the most part remain unaware of each other's existence. The Last Angel of History features some of the great star travelers in music and literature of our times, from Sun Ra to Nichelle Nichols, George Clinton to Lee Perry, Goldie and Underground Resistance.

8 julho, quarta-feira / July 8, Wednesday
Cinamateca Portuguesa – Museu do Cinema
Sala / Room Dr. Félix Ribeiro, 19h00

Biofilmografia / Biofilmography
John Akomfrah é realizador, escritor e teórico. Nasceu no Ghana, de pais politicamente ativos, e mudou-se para Londres ainda em criança. Foi um dos fundadores do influente grupo cultural e cinematográfico Black Audio Film Collective, dedicado à exploração das questões de identidade, raça e cultura entre os "negros" britânicos através de filmes e dos media. Em 1999, criou a Smoking Dogs Films em conjunto com David Lawson e Lina Gopaul.

John Akomfrah is a director, writer and theorist. Born in Ghana to politically active parents, he moved to London at an early age. He was a founding figure in the influential cine cultural group Black Audio Film Collective which was dedicated to exploring questions of "Black" British identity, race and class through film and media. In 1999, he set up Smoking Dogs Films with David Lawson and Lina Gopaul.

THE STUART HALL PROJECT (2013); THE NINE MUSES (2010); OIL SPILL – THE EXXON VALDEZ DISASTER (2009); THE GENOME CHRONICLES (2009); SPEAK LIKE A CHILD (1998); SEVEN SONGS FOR MALCOM X (1993); TESTAMENT (1988); HANDSWORTH SONGS (1986)





Paris is Burning

Realização / Director: Jennie Livingston
USA, 1990, 71'

Documentário / Documentary

Cor / Colour

DCP

v. o. Inglesa, legendagem em português

M/ 16 anos / Over 16 yo

Guião / Screenplay: Jennie Livingston

Montagem / Editing: Jonathan Oppenheim

Fotografia / Photography: Paul Gibson

Som / Sound: Catherine Calderon, Judy Karp, Stacia Thompson

Produção / Production: Jennie Livingston

Música / Music: Lynn Geller

"Digitally remastered version courtesy of the UCLA Film & Television Archive in conjunction with Sundance Institute and the Outfest UCLA Legacy Project."

***Paris is Burning* retrata uma subcultura da moda nova-iorquina. Rodado em finais dos anos 1980, o filme examina os meios pelos quais uma comunidade de gays e trans-géneros "negros" e "latinos" nova-iorquinos encontram e constroem sustento, criatividade e famílias. Na sua análise da cultura em volta dos salões de dança – e na definição e redefinição de termos como "house", "mother", "shade", "voguing" e "realness" – *Paris is Burning* oferece uma série de incisivos retratos das suas personagens. O filme constitui um complexo ensaio sobre classe, raça e identidade, bem como sobre os poderes de transformação da dança e da performance.**

Paris is Burning depicts a New York fashion subculture. Shot in the late 1980s, the film examines how a community of "black" and "latino" gay and transgender New Yorkers build sustenance, creativity, and family. Exploring ballroom culture – and defining and re-defining words like "house", "mother", "shade", "voguing", and "Realness" – Paris is Burning draws a series of incisive character portraits. The movie writes a complex essay on class, race, identity, and the transformative powers of dance and performance.

11 julho, sábado / July 11, Saturday
Cinamateca Portuguesa – Museu do Cinema
Sala / Room Dr. Félix Ribeiro, 21h30



Biofilmografia / Biofilmography
Jennie Livingston é uma cineasta conhecida pelo seu vívido estilo narrativo, pelos seus matizados retratos e ponderadas explorações da identidade, classe, raça, morte, sexo e género. Trabalha em ficção e não ficção. Além de realizar e produzir os seus filmes, também aceita encomendas como guionista, fotógrafa, desenhista, educadora e realizadora.

Jennie Livingston is a filmmaker known for her lively storytelling, nuanced character portraits, and thoughtful explorations of identity, class, race, death, sex, and gender. She works in both fiction and nonfiction. In addition to directing and producing her own films, she's a writer, photographer, draftsman, educator, and director for hire.

WHO'S THE TOP? (2005);
THROUGH THE ICE (2006)



Space is the Place

Realização / Director: **John Coney**

USA, 1974, 85'

Longa-Metragem Ficção / Feature Film

Cor/Colour

35mm

v. o. Inglesa, legendagem em português

M/ 16 / Over 16 yo

Guião / Screenplay: **Sun Ra, Joshua Smith**

Montagem / Editing: **Barbara Pokras**

Fotografia / Photography: **Seth Hill, Pat Riley**

Som / Sound: **Robert Gravenor, David Macmillan, Arthur Rochester**

Produção / Production: **Jim Newman**

Música / Music: **Sun Ra**

Intérpretes / Cast: **Sun Ra, June Tyson, Barbara Deloney, Raymond Johnson, Christopher Brooks**

Sun Ra aterriza num novo planeta no espaço sideral com a sua banda, The Arkestra, e decide fundar uma colónia de afro-americanos no planeta. Escolheu a música como meio de transporte. Regressa ao passado, inicialmente para Chicago em 1943 e a seguir para o presente, onde desembarca da sua nave espacial em Oakland. Aí tenta divulgar a sua proposta num centro juvenil e abre um centro de emprego para recrutar os que desejam mudar-se para o novo planeta. O maior adversário de Ra nesta missão é o Overseer, a incarnação do mal na comunidade "negra". Ra também é perseguido por agentes "brancos" do governo, que tentam assassiná-lo.

Sun Ra lands on a new planet in outerspace with his crew, The Arkestra, and decides to settle African-Americans on this planet. The medium of transportation he had chosen is music. He travels back in time and returns first to Chicago in 1943, then to present time when he disembarks from his spaceship at Oakland and tries to spread his word at a youth centre and opening an employment agency to recruit people eager to move to the planet. Ra's greatest adversary in his quest is The Overseer, incarnation of evil in the "black" community. Ra is also pursued by "white" government agents who attempt to assassinate him.

4 julho, sábado / July 4, Saturday
Cinamateca Portuguesa – Museu do Cinema
Sala / Room Dr. Félix Ribeiro, 21h30

6 julho, segunda-feira / July 6, Monday
Sala / Room Dr. Félix Ribeiro, 15h30



Biofilmografia / Biofilmography
John Coney, nascido em Austin, no Texas, em 1935, é um dos pioneiros da televisão pública e não comercial nos Estados Unidos. Coney encenou inúmeras peças para a PBS, incluindo "Mime Play" de Samuel Beckett. Admirador de longa data do estilo free jazz de Sun Ra, aceitou com entusiasmo a oportunidade de realizar um filme fantástico sobre o músico.

John Coney, born in 1935 in Austin, Texas, is one of the pioneers of non-commercial, public television in the USA. Coney has directed many plays for PBS including Samuel Beckett's "Mime Play." A long-time admirer of Sun Ra's free jazz musical form, he jumped at the opportunity to direct a fantasy feature about Sun Ra.



Sun Ra: The Brother from Another Planet

Realização / Director: **Don Letts**

UK, 2005, 58'

Documentário / Documentary

Cor / Colour

DVD

v. o. Inglesa, legendada português

M/ 16 / Over 16 yo

Montagem / Editing: **Splice TV**

Fotografia / Photography: **Nathan Sheppard**

Som / Sound: **Steve Onopa, Bob Withey**

Produtor Executivo / Executive Producer: **Jez Nelson**

Música / Music: **Sun Ra**



Sun Ra, nascido no estado de Alabama, na altura o lugar mais segregado da Terra, rejeitou as convenções e disse ser natural de Saturno, "o planeta da disciplina". Juntou a Egiptologia ao imaginário espacial para projetar a sua filosofia de empowerment radical – para o Cosmo inteiro.

Sun Ra manteve uma big band na estrada durante décadas, na base da independência e da vida em comum, tornando-se assim num patriarca do jazz. Don Letts, lenda do cinema punk, apresenta a história de Sun Ra em todo o seu esplendor, misturando as poderosas imagens de Sun Ra e a sua lendária Arkestra, entrevistas com membros da banda, filmadas na sua célebre casa comunitária, em Filadélfia, bem como testemunhos de Archie Shepp, Amiri Baraka, John Sinclair e Thurston Moore, ex-Sonic Youth. Born in Alabama, then the most segregated place on Earth, Sun Ra rejected convention and claimed to be from Saturn, "planet of discipline". He brought together Egyptology and the imagery of the Space to project a philosophy of radical empowerment - for the entire Cosmos. Keeping a big band on the road for decades through independence and communal living, Sun Ra became a patriarch of jazz. Punk film legend Don Letts presents the Sun Ra story in all its glory, combining powerful footage of Ra and his legendary Arkestra, interviews with band members shot at their famous group house in Philadelphia, and testimony from Archie Shepp, Amiri Baraka, John Sinclair and Sonic Youth's Thurston Moore.

Biofilmografia / Biofilmography
Don Letts nasceu em Londres em 1956. Estabeleceu a sua reputação nos mundos do cinema e da música graças à sua considerável obra, com início nos finais dos anos 70. Os seus trabalhos foram exibidos por The Kitchen N.Y.C, The Institute of Contemporary Art, o N.F.T em Londres e premiados no BAM festival, em Brooklyn.

Don Letts was born in 1956 in London. His reputation has been established in both the film and music world, by a substantial body of work, from the late 70's. His work has been exhibited in The Kitchen N.Y.C, The Institute of Contemporary Art, The N.F.T in London and was honoured at Brooklyn's BAM festival.

PUNK: ATTITUDE (2005); THE CLASH: WESTWAY TO THE WORLD (2000); DANCEHALL QUEEN (1997); THE PUNK ROCK MOVIE (1978)

8 julho, quarta-feira / July 8, Wednesday
Cinamateca Portuguesa – Museu do Cinema
Sala / Room Dr. Félix Ribeiro, 19h00





Sweet Sweetback's Baadasssss Song

Realização / Director: Melvin van Peebles
USA, 1971, 97'

Longa-Metragem Ficção / Feature Film
Cor / Colour
DVD

v. o. Inglesa, legendagem em português
M/ 18 anos / Over 18 yo

Guião / Screenplay: Melvin van Peebles
Montagem / Editing: Melvin van Peebles
Fotografia / Photography: Bob Maxwell
Som / Sound: Clark Will

Produção / Production: Melvin van Peebles, Jerry Gross
Música / Music: Melvin van Peebles, Earth Wind & Fire
Intérpretes / Cast: Melvin van Peebles, Mario van Peebles, Simon Chuckster, Hubert Scales

Depois de espancar um par de polícias “brancos” que viu agredir um revolucionário “negro” local, Sweetback, um performer de sex shows, tem de fugir. Enquanto se esconde no bairro de South Central, em Los Angeles, demonstra a sua formidável potência sexual e física, escapando à caça ao homem montada pela polícia por todos os meios necessários. No entanto, no final do filme, enquanto Sweetback consegue fugir, Van Peebles avisa que a história ainda não está concluída. A ressonância política de *Sweet Sweetback's Baadasssss Song* ficou confirmada pelo sentido apoio dos Black Panthers, que apelidaram o filme de “obra-prima revolucionária”. Melvin Van Peebles produziu, realizou e interpretou, sendo ainda responsável pelo guião e banda sonora, este filme que ficou como um verdadeiro marco entre os títulos da *blaxploitation*.

After beating a couple of “white” cops he witnessed brutalizing a local “black” revolutionary, sex show performer Sweetback has to go on the run. As he flees through South Central Los Angeles, he demonstrates his formidable potency through sex as well as violence, evading the police manhunt by any means necessary. As Sweetback runs off into the sunset, however, Van Peebles warns that the story isn't over. The political resonance of Sweet Sweetback's Baadasssss Song was confirmed in the Black Panthers' vocal acclaim of the film as a 'revolutionary masterpiece'. Produced, directed, written, scored by, and starring Melvin Van Peebles, the film is a landmark blaxploitation title.

6 julho, segunda-feira / July 6, Monday
Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema
Sala / Room Dr. Félix Ribeiro, 19h00
10 julho, sexta-feira / July 10, Friday
Sala / Room Dr. Félix Ribeiro, 15h30

Biofilmografia / Biofilmography
Melvin Van Peebles (Chicago, 1932) é um ator, realizador, dramaturgo, romancista e compositor americano. Ficou conhecido especialmente por ter criado o aclamado filme *Sweet Sweetback's Baadasssss Song*, que inaugurou uma nova era de filmes centrados nos afro-americanos. Ele é também pai do ator e realizador Mario Van Peebles.

Melvin Van Peebles (Chicago, 1932) is an American actor, director, screenwriter, playwright, novelist and composer. He is most famous for creating the acclaimed film Sweet Sweetback's Baadasssss Song, which heralded a new era of African-American focused films. He is the father of actor and director Mario Van Peebles.

CONFESSIONSOFA EX-DOOFUS-ITCHYFOOTED MUTHA (2008); LE CONTE DU VENTRE PLEIN (2000); IDENTITY CRISIS (1989); DON'T PLAY US CHEAP (1973); WATERMELON MAN (1970)



Territories

Realização / Director: **Isaac Julien**

UK, 1985, 25'

Documentário / Documentary

Cor / Colour

Digibeta

v. o. Inglesa, legendagem em português

M/16 anos / Over 16 yo

Guião / Screenplay: **Isaac Julien**

Montagem / Editing: **Isaac Julien, Nadine Marsh-Edwards**

Fotografia / Photography: **Roy Cornwall, Martina Attille,**

Hugh Williams

Som / Sound: **Stella Diego, Judy Headman**

Produção / Production: **Sankofa Film and Video, St. Martin's College of Art**

Música / Music: **Joan Baez, Quincy Jones, Marcia Griffiths,**

Mad Professor

Territories é um documentário experimental sobre o Carnaval de Notting Hill. Situa o evento na contraposição entre autoridades “brancas” e jovens “negros”, neste caso pelos espaços contestados do carnaval, e reflete na sua história enquanto ato simbólico de resistência. O filme argumenta a sua posição através da montagem, intercalando imagens do carnaval com relatos noticiosos de arquivo – a vigilância policial de motins nas ruas – e entrecruzando olhares de desejo com alienação, da polícia para os participantes. Com a sua crítica política desencarnada e as acutilantes imagens de violência policial, este documentário faz claramente parte da resistência.

Territories is an experimental documentary about the Notting Hill Carnival. It locates the event within the struggle between “white” authority and “black” youth, in this case over the contested spaces of the carnival, and reflects on its history as symbolic act of resistance. The film makes the case using montage: cutting carnival scenes with archive news reports – police surveillance to rioting in the street – and crossing looks of desire with alienation, from police to reveler. With its disembodied, political critique and trenchant images of police violence, this documentary is itself part of the resistance.

8 julho, quarta-feira / July 8, Wednesday

Cinamateca Portuguesa – Museu do Cinema

Sala / Room Dr. Félix Ribeiro, 21h30



The Attendant

Realização / Director: **Isaac Julien**

UK, 1993, 8'

Curta-Metragem Ficção / Short-Fiction

Cor e preto e branco / Colour and Black and White

Digibeta

v. o. Inglesa, legendagem em português

M/16 anos / Over 16 yo

Guião / Screenplay: **Isaac Julien**

Montagem / Editing: **Robert Hargreaves**

Fotografia / Photography: **Nina Kellgren**

Som / Sound: **Trevor Mathison, Edward George**

Produção / Production: **Mark Nash**

Intérpretes / Cast: **Thomas Baptiste, Cleo Sylvestre, John Wilson**

Música / Music: **Gary Butcher, Jimmy Sommerville**

The Attendant decorre num museu, o Wilberforce House em Hull, Inglaterra, dedicado à história da escravatura. Focado nas fantasias sexuais despertadas num vigilante “negro” de meia-idade por um jovem visitante “branco”. Enquanto o vigilante percorre as galerias após o fecho do museu, “O comércio dos escravos”, uma pintura do século XIX, da autoria de François-Auguste Biard, ganha vida, com a sua melodramática representação de um patrão “branco” inclinado sobre um moribundo escravo “negro” transformada numa cena sadomasoquista *leather*. Um filme com sentido de humor *camp* e engraçado que subverte a dinâmica racial e sexual da submissão e dominação.

The Attendant is set in a museum: Wilberforce House in Hull, England, which is devoted to the history of slavery. Revolving around sexual fantasies aroused in a middle-aged “black” male museum guard by a young “white” male visitor. As the guard paces the galleries after the closing time, a 19th-century painting titled “Slaves on the West Coast of Africa”, by François-Auguste Biard, comes to life, its melodramatic scene of a “white” master bending over a dying “black” slave transformed into a leather sadomasochistic scene. A film of a funky camp humor with a twist on of the sexual and racial dynamic of dominance and submission.

10 julho, sexta-feira / July 10, Friday

Cinamateca Portuguesa – Museu do Cinema

Sala / Room Dr. Félix Ribeiro, 19h00



Biofilmografia / Biofilmography **Isaac Julien (Londres, 1960)** é um artista que trabalha com instalações e cineasta de renome. A sua obra inspira-se num leque de disciplinas e práticas (cinema, dança, fotografia, música, teatro, pintura e escultura), fornecendo um comentário sobre as mesmas e unificando-as em dramáticas instalações filmicas, trabalhos fotográficos e filmes documentários. A obra de Julien já foi apresentada em festivais artísticos e de cinema, entre os quais Cannes (1991), Documenta 11 (2002) e, mais recentemente, na 56ª Bienal de Veneza (2015), em parceria com o curador Okwui Enwezor.

Isaac Julien (London, 1960), is an influential installation artist and filmmaker. His work draws from and comments on a range of disciplines and practices (film, dance, photography, music, theater, painting, and sculpture) and unites them in dramatic audiovisual film installations, photographic works, and documentary films. Julien's work has been included in film and art festivals such as Cannes (1991), Documenta 11 (2002), and more recently at the 56th Venice Biennale (2015), in collaboration with curator Okwui Enwezor.

TEN THOUSAND WAVES (2010); FRANTZ FANON: WHITE SKIN, BLACK MASK (1995); THE DARKER SIDE OF BLACK (1994); YOUNG SOUL REBELS (1991); TERRITORIES (1985)



Tongues Untied

Realização / Director: **Marlon Riggs**

USA, 1989, 55'

Documentário / Documentary

Cor/Colour

Betacam

v. o. Inglesa, legendagem em português

M/ 16 anos / Over 16 yo

Guião / Screenplay: **Marlon Riggs**

Montagem / Editing: **Marlon Riggs**

Fotografia / Photography: **Marlon Riggs**

Produção / Production: **Brian Freeman**

Música / Music: **Alex Langford, Marlon Riggs**

Intérpretes / Cast: **Marlon Riggs, Brian Freeman,**

Essex Hemphill



Marlon Riggs, com o auxílio de outros gays "negros", em particular do poeta Essex Hemphill, celebra o amor entre homens "negros" enquanto ato revolucionário.

O filme intercala imagens de Hemphill ao declamar os seus poemas, de Riggs narrando episódios do seu passado e homens em interações sociais e enquanto dançam. O filme encerra com obituários de vítimas da sida e imagens de arquivo do movimento pelos direitos civis, contrapostas com cenas de homens "negros" numa marcha do orgulho gay. O documentário lida simultaneamente com a crítica das políticas do racismo, da homofobia e da exclusão, na sua interligação com as políticas sexuais contemporâneas.

Marlon Riggs, with assistance from other gay "black" men, especially from the poet Essex Hemphill, celebrates "black" men loving "black" men as a revolutionary act. The film intercuts footage of Hemphill reciting his poetry, Riggs telling the story of his growing up and scenes of men in social intercourse and dance. The film closes with obituaries for victims of AIDS and archival footage of the civil rights movement placed next to footage of "black" men marching in a gay pride parade. The documentary deals with the simultaneous critique of the politics of racism, homophobia and exclusion as they are intertwined with contemporary sexual politics.

Biofilmografia / Biofilmography
Marlon Riggs (1957–1994) ficou conhecido pelos seus filmes perspicazes e controversos, que confrontam diretamente o racismo e a homofobia. Licenciou-se Magna Cum Laude pela universidade de Harvard e obteve um mestrado na Universidade da Califórnia – Berkeley, onde veio a ser professor na Graduate School of Journalism.

Marlon Riggs (1957–1994) was known for his insightful and controversial documentary films confronting racism and homophobia. He graduated Magna Cum Laude from Harvard and received his masters' degree from the University of California – Berkeley where he became professor in the Graduate School of Journalism.

BLACK IS... BLACK AIN'T (1994);
ANTHEM (1993);
COLOR ADJUSTMENT (1992);
ETHNIC NOTIONS (1986)

7 julho, terça-feira / July 7, Tuesday
Cinamateca Portuguesa
– Museu do Cinema
Sala / Room Dr. Félix Ribeiro,
21h30



Young Soul Rebels

Realização / Director: **Isaac Julien**

UK, 1991, 105'

Longa-Metragem Ficção / Feature Film

Cor / Colour

35mm

v. o. Inglesa, legendagem em português

M/ 16 anos / Over 16 yo

Guião / Screenplay: **Isaac Julien, Paul Hallam**

Montagem / Editing: **John Wilson**

Fotografia / Photography: **Nina Kellgren**

Som / Sound: **Ronald Bailey**

Produção / Production: **Nadine Marsh-Edwards**

Música / Music: **Simon Boswell**

Intérpretes / Cast: **Valentine Nonyela, Mo Sesay, Dorian Healy, Jason Durr, Sophie Okonedo**



A partir de uma garagem do East End de Londres, Chris, um jovem DJ "negro", gere, em conjunto com o amigo Caz, a estação pirata de rádio Soul Patrol. Ambos querem promover a música soul, numa altura em que o género mais popular é o *punk*. Quando um amigo dos dois é morto, enquanto procura parceiros sexuais num parque da cidade, Chris é culpado do seu assassinato. Entretanto, Caz começa uma relação com um punk "branco", e os dois encaram o duplo preconceito do racismo e da homofobia. *Young Soul Rebels*, que decorre em 1977, durante a semana de comemorações do Jubileu de Prata da rainha Isabel II, examina a interação entre os movimentos culturais juvenis no Reino Unido dos tardios anos 1970. Recebeu o prémio da *Semaine de la critique* no Festival de Cannes de 1991.

Together with his friend Caz, Chris, a young "black" London DJ, runs pirate radio station Soul Patrol from an East End garage. They both want to promote soul music while the prevailing popular music is punk. When a mutual friend is murdered whilst cruising in a London park, Chris is arrested for the murder. Meanwhile Caz starts dating a "white" punk guy, and their relationship faces double prejudice of racism and homophobia. Set in 1977, during the week of the Queen's Silver Jubilee, Young Soul Rebels examines the interaction between youth cultural movements during the late 1970s in the UK. It was awarded the Semaine de la critique prize at the Cannes Film Festival in 1991.

11 julho, sábado / July 11, Saturday
Cinamateca Portuguesa – Museu do Cinema
Sala / Room Dr. Félix Ribeiro, 19h00

(Biofilmografia / Biofilmography ver / see p. 27)



Running/The better Half

Performance

Domingo / Sunday 04-22h00
Galeria Zé dos Bois
Rua da Barroca, 59 (Bairro Alto)
Entrada Livre / Free Entrance



Biografia / Biography

Liad Hussein Kantorowicz é uma artista de performance e ativista. Os seus projetos recentes incluem a performance Watch Me Work que incluiu trabalho erótico online ao vivo e foi apresentada no Festival Transmediale de Berlim e Kampnagel, Hamburgo, e Ain't No Democracy, uma curta-metragem que aborda a democracia, a liberdade de escolha e o BDSM nas eleições israelitas. A sua pesquisa atual, intitulada Terrorism is for Everybody, propõe uma reavaliação das representações negativas pelos meios de comunicação das lutas de libertação de minorias. Liad também frequenta o mestrado SODA Solo/Dance/Authorship na HZT, na Universidade das Artes de Berlim.

Entre Blaxploitation e Black Lives Matter, a performance começa com a determinação de colocar um fim à corrida e à fuga e instiga na direção de uma procura de novas formas de movimento.

Between Blaxploitation and Black Lives Matter, the performance starts with a determination to put an end to running and moves towards a search for new forms of movement.

Liad Hussein Kantorowicz is a performance artist and activist. Her recent projects include the performance Watch Me Work which incorporated live online erotic labor and presented at the Transmediale Festival Berlin and Kampnagel, Hamburg, and Ain't No Democracy, a short film dealing with democracy, free choice and BDSM in Israel's elections. Her current research is called Terrorism is for Everybody which asks to reframe negative mass-media representation of militant minority-led liberation struggles. She's as student at the MA program SODA Solo/Dance/Authorship at HZT/Berlin's University of the Arts.

Sassafras Cypress & Indigo-Black screen images and the [e]motive notion of Freakiness

Performance

Domingo / Sunday 04-18h30
Galeria Zé dos Bois
Rua da Barroca, 59 (Bairro Alto)
Entrada Livre / Free Entrance

Vaginal Davis é uma lendária figura intersexo das artes e ciências intermedia. Leva o discurso público a níveis dignos do *Dementia 13* ao enunciar a experiência queer e afro-americana no seu estilo inimitável, criando novas palavras do nada e atropelando noções de propriedade e realidade como um elefante à solta numa loja de porcelanas.

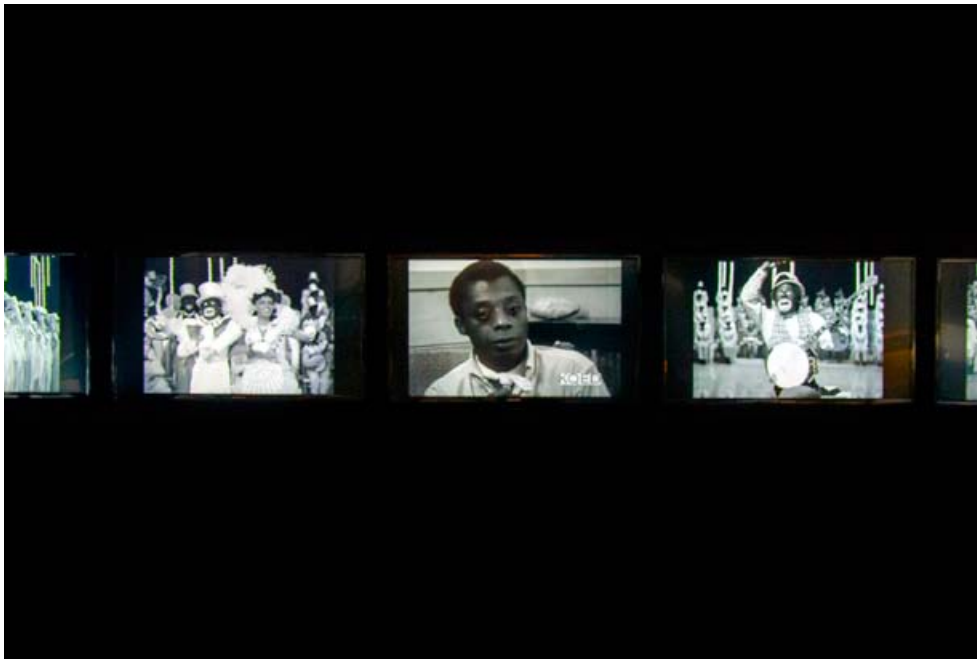
Vaginal Davis is the internationally revered intersexed doyenne of intermedia arts and sciences. She takes public discourse to Dementia 13 levels as she spells out the queer and Afro-American experience in her own inimitable fashion creating new words out of thin air and crashing bull-in-a-Madame Mau China-Shop style over notions of propriety and reality.

Biografia / Biography

Nascida e educada nas áreas mais pobres de Los Angeles, na Califórnia, a menina Vaginal Davis vive desde 2006 com estilo no exílio, em Berlim, onde organiza e apresenta o megaevento mensal *Rising Stars, Falling Stars* no Arsenal Institutet für Film und Videokunst, com projeção de filmes e performances. Trabalha ainda como performer e professora convidada em numerosas organizações internacionais.



Born and raised in the poorest sections of Los Angeles, California Ms. Vaginal Davis has been living in stylish exile in Berlin, Germany since 2006 where she curates and hosts the monthly performative film screening mega event Rising Stars, Falling Stars at Arsenal Institutet für Film und Videokunst. She works as a performer and as a guest teacher for several international institutions. www.vaginaldavis.com



A person is more important than anything else...

Instalação / Installation

Artista / Artist: **Hank Willis Thomas**

USA, 2015, 28'

Cor / Colour

v. o. Inglesa

M/ 16 anos / Over 16 yo

Criado por / Created by **Hank Willis Thomas**

Produção / Production – **Will Sylvester, Rosa White**

Montagem / Editing – **Matthew Cohn, Noah Krell**

***A person is more important than anything else...* é dinâmica pela cadência e entoação da voz de James Baldwin, que era um orador cujo registo era tão arrojado como as suas ideias. O artista Hank Willis Thomas entrelaça fluidamente áudio, imagens e vídeo de peças noticiosas, discursos e entrevistas num fluxo de consciência digital que faz a ponte entre o discurso do século XX de Baldwin e as preocupações e questões prementes do século XXI, destacando questões de raça, género, classe e sexualidade.**

A person is more important than anything else..., is driven by the cadence and intonation of James Baldwin's voice, for Baldwin was also an orator whose delivery was almost as forceful as his ideas. Artist Hank Willis Thomas weaves various audio, images, and video together including news clips, speeches, and interviews, in a fluid-moving, digital stream of consciousness that connects Baldwin's 20th century discourse with the concerns and urgencies of the 21st, highlighting issues of race, gender, class and sexuality.



Biografia / Biography

Hank Willis Thomas é um artista conceptual fotográfico que trabalha predominantemente temas ligados à identidade, história e cultura popular. Obteve um BFA em Fotografia e Estudos africanos da Universidade de Nova Iorque e o MFA/MA em Fotografia e Crítica Visual do California College of Arts. A obra de Thomas integra várias coleções públicas, como as do Museum of Modern Art de Nova Iorque, do Solomon R. Guggenheim Museum, do Whitney Museum of American Art e do Brooklyn Museum, entre outros.

Thomas é representado pela Galeria Jack Shainman em Nova Iorque e pela Galeria Goodman na África do Sul.

Hank Willis Thomas is a photo conceptual artist working primarily with themes related to identity, history and popular culture. He received a BFA in Photography and African studies from New York University and his MFA/MA in Photography and Visual Criticism from the California College of Arts. Thomas' work is in numerous public collections such as The Museum of Modern Art New York, The Solomon R. Guggenheim Museum, The Whitney Museum of American Art, The Brooklyn Museum, among others. Thomas is represented by Jack Shainman Gallery in New York and Goodman Gallery in South Africa.

Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema, Sala dos Cupidos
Julho / July 4–11 / 13h30–22h00
 Encerra aos Domingos / Closes on Sundays

Sun Ra: A Joyful Noise

Instalação / Installation

Realização / Director: **Robert Mugge**

USA, 1980, 60'

Documentário / Documentary

Cor / Colour

Vídeo, loop

v. o. Inglesa, legendada em português

M/ 16 anos / Over 16 yo

Guião / Screenplay: **Robert Mugge**

Montagem / Editing: **Robert Mugge**

Fotografia / Photography: **Lawrence McConkey**

Som / Sound: **William Barth, Anastas Michos, Bruce**

Litecky, Carol Plantholt, Jim Wertz, Brian Gamerman

Produção / Production: **Robert Mugge**

Música / Music: **Sun Ra**



Sun Ra – líder de banda, teclista, compositor e autointitulado mito – atua e dá voz às suas filosofias neste des-complexado, mas completo, documentário. A Intergalactic

Omniverse Arkestra do Sr. Ra, uma grande banda com cantores e dançarinos, atua com roupas muito elaboradas, adicionando rituais e teatralidade a um extenso repertório. Este filme inclui excertos de blues, swing ao estilo dos anos 1920, cantos modais, tambores quasi-africanos, ruído eletrônico improvisado, Round Midnight e atonal – uma viagem sônica ao universo de Sun Ra.

Sun Ra – bandleader, keyboardist, composer and self-made myth – performs and philosophizes in this easygoing yet thorough documentary. Mr. Ra's Intergalactic Omniverse Arkestra, a big band with singers and dancers, performs in elaborate costumes, adding ritual and theatrical glitter to a far-reaching repertory. The film includes stretches of blues, 1920's-style swing, modal chants, quasi-African drumming, improvised electronic noise, Round Midnight and atonal, full-band squalls – a good sampling of Mr. Ra's music.

Biofilmografia / Biofilmography
Robert Mugge, nascido em 1950, é intitulado desde o “rei do cinema documental musical Americano” a “o melhor realizador de filmes de música do mundo inteiro”. Ganhou esta reputação graças a mais de três décadas a trabalhar em mais de trinta documentários musicais.

Robert Mugge, born in 1950, has been dubbed everything from “the king of the American music Documentary” to “the best music filmmaker on the planet”. He won this reputation by working on more than thirty music documentaries for over three decades.

www.robertmugge.com

DEEP SEA BLUES (2007);
NEW ORLEANS MUSIC IN EXILE (2006);
BLUES DIVAS (2005);
LAST OF THE MISSISSIPPI JUKES (2003);
DEEP BLUES (1991)

Cinamateca Portuguesa – Museu do Cinema, Sala / Room 6x2
Julho / July 4–31 / 13h30–22h00
Encerra aos Domingos / Closes on Sundays



Apresentação do livro / Book presentation

*In a Qu*A*re Time and Place: Post-Slavery Temporalities, Blaxploitation, and Sun Ra's Afrofuturism between Intersectionality and Heterogeneity, Tim Stüttgen*

Quinta-feira / Thursday 9–21h30
49 da ZDB

Rua da Barroca, 49 (Bairro Alto)

Entrada Livre / Free Entrance

Stüttgen utiliza a pós-escravatura para analisar a perspectiva queer/quAre “negra” no contexto da teoria do cinema de Deleuze, de Frantz Fanon e da teoria queer; e para abordar o primeiro cinema “negro” emancipatório, a Blaxploitation. O livro tem o seu ponto de partida no filme de 1974 *Space is the Place*, protagonizado por Sun Ra, e associa a ideia de “imagem-tempo negra” às utopias queer afrofuturistas. O evento irá incluir uma conferência vídeo e uma apresentação por Liad Hussein Kantorowicz, a coeditora do livro e membro do Tim Stüttgen Archive. Stüttgen uses post-slavery to examine “black” queer/quAre perspective within Deleuze's cinema theory, Frantz Fanon and queer theory and discuss the first emancipatory “black” cinema: Blaxploitation. The book moves from the 1974 Sun Ra film *Space is the Place* and connects the concept of “black time-image” to afro-futurist queer utopias. The event will include a video lecture and a presentation by Liad Hussein Kantorowicz, the book's co-editor and a member of the Tim Stüttgen Archive.



© Homardpayette

Workshop de Voguing com Leo Melody & Zoe Melody

9 e 10 Julho, quinta-feira e sexta-feira / July 9 and 10, Thursday and Friday
16h00–18h00

c.e.m. (Centro Em Movimento)
Rua dos Fanqueiros, 150 1º (Baixa Chiado)
Entrada Livre / Free Entrance

Este workshop explora todos os elementos e conceitos do Vogue (Hand Performance / Duckwalk / Catwalk / Floor Performance / Dips & Spins) assim como Runway e Posing. A House of Melody presta especial atenção à performance individual e à pesquisa pelo modo como cada um pretende expressar a sua personalidade na dança. Todas as pessoas são bem-vindas – este workshop está aberto a todos as idades. Get ready to Strike a Pose!

This Workshop explores all elements/concepts of Vogue (Hand Performance / Duckwalk / Catwalk / Floor Performance / Dips & Spins) as well as Runway and Posing. The House of Melody puts special value on the individual performance and finding out how you want to express your personality in your dance. Everybody is welcome – this workshop is open for all levels. Get ready to Strike a Pose!

Berries

Festa de Abertura / Opening Party
Sábado / Saturday 04, 23h00-03h00
49 da ZDB
Rua da Barroca, 49 (Bairro Alto)
Entrada Livre / Free Entrance

Apresentamos Tchuani, metade do sexy duo promotor e organizador de festas Stitch & Tchuani, dinamizadores da festa hip hop mais fabulosa (e queer) de Berlim – a Berries. Há um ano, Tchuani e o seu ousado parceiro Stitch sentiram a necessidade de criar um espaço que combinasse tudo: ritmos hip hop inovadores, artistas queer, mulheres artistas e o público queer que gosta de *shake them asses!* Tirem as camisas, entrem no ritmo, saltem, malta, saltem e ponham esses pés a mexer. **A Berries chegou a Portugal.**

Meet Tchuani, one half of the hot party organiser/ party galvanizer duo Stitch & Tchuani of Berlin's cutest (and queerest) hip hop party – Berries. A year ago, Tchuani and his sexy pal Stitch realized they needed to create a space that combines it all: new and fresh hip hop beats, queer artists, female artists and queer audiences that like to shake them asses. Get your shirts off, get your groove on, bounce, babies, bounce and get your booties movin'. Berries is here.



Rabbit Hole Kiki Function w/ The House of Melody

Festa de Encerramento / Closing Party
Sábado / Saturday 11, 23h00-06h00
Fontória Blues Caffe & Dinner
Praça da Alegria, 66 (Avenida)
Preço / Price: 4€ (inclui bebidas / includes drinks)



© Homardpayette

What's that Kiki Function? É para Butch Queens, Cyborgs pós-porno, Trashed Mannequins e Proto Channel. É para todas as pessoas, venham das ruas ou das penthouse no topo desses arranha-céus, mexam esses saltos altos e mostrem-nos a vossa Diva da Passerelle. Vistam os vossos piores trapos, desenterrem esse lenço de veludo dourado. Não se acanhem, esta é a vossa oportunidade de brilhar. Convidámos a House of Melody para ARRASAR no Fontória e rebentar com a noite de encerramento do "Are you for real?". Vão apresentar uma noite muito especial com um Workshop de Voguing para todos explorarem passos de dança e um espetáculo de Lip Sinc/Voguing Show. Em 2012 a House of Melody, primeira casa de Voguing da Alemanha, foi fundada por Leo Melody, e conta agora com dez membros que representam a cultura Voguing em Düsseldorf e Berlim. O seu estilo distingue-se pela individualidade de cada membro e os seus shows de Voguing únicos, que combinam movimentos tenazes com glamour e elegância.

What's that Kiki Function? It's for Butch Queens, Post Porn Cyborgs, Trashed Mannequins, and Proto Channel. It's for everyone, from the streets to the penthouse up in that skyscraper. Get those heels running and show us your Runway Diva – put on your worst drapes, dig out that golden, velvety cape. Don't be shy, this is your chance to shine. We invited the House of Melody to SLAY at Fontória and explode the closing night of "Are you for real?". They will host a special night with a Voguing Workshop for everyone to explore some dance moves and a Lip Sinc/Voguing Show. In 2012 House of Melody, the first German Voguing House, was founded by Leo Melody, which now has a total of ten members in Düsseldorf and Berlin successfully representing the Voguing Culture. Their Style is distinguished by the individuality of each member and their unique Voguing shows, which combine fierce moves with glamour and elegance.

Ficha Técnica / Credits

Organizado por / Organized by:

Associação Cultural Janela Indiscreta

Casa do Cinema

Rua da Rosa, 277, 2º

1200-385 Lisboa

Portugal

Mobile: + (351) 91 376 53 43

info@queerlisboa.pt

janelaindiscreta@queerlisboa.pt

www.queerlisboa.pt

QUEER LISBOA

Festival Internacional de Cinema Queer

Director Artístico / Artistic Director

João Ferreira

Curadoria / Curators **Are you for real?**

Ricke Merighi, Pedro Marum

Programadores do Festival / Festival Programmers

Ricke Merighi, Nuno Galopim, Ana David, João Romãozinho, Pedro Marum

Movimento de Cópias / Print Traffic

João Romãozinho, João Nobre

Imprensa e Comunicação / Press and Communication

João Moço

Produção / Production

Ana David, Christian Rodríguez, João Nobre, Pedro Marum

Tradução / Translation

Paola Guardini

Homepage

Flipside

AFRICA.CONT/CML

Rua do Arsenal, 54, 3º

1100-040 Lisboa

Portugal

Tel: (+351) 21 817 08 28 / (+351) 21 817 08 93

www.africacont.org

africa.cont@gmail.com

Diretor / Director

José António Fernandes Dias

Coordenação de Projetos / Project Coordination

Paula Nascimento, João G. Rapazote

Design Gráfico / Graphic Design

Arne Kaiser

Organização

AFRICA.CONT



Produção



Coprodução



Festival Apoiado pelo



Apoios



c.e.m



Sessões de filmes / Film screenings

Cinemateca Portuguesa
Sara Dr. Félix Ribeiro

SÁBADO / SATURDAY 4

20h00 Cocktail

21h30 *Space is the Place* 85'

SEGUNDA / MONDAY 6

15h30 *Space is the Place* 85'

19h00 *Sweet Sweetback's Baadasssss Song* 97'

21h30 *Cleopatra Jones* 89'

TERÇA / TUESDAY 7

21h30 *Tongues Untied* 55'

QUARTA / WEDNESDAY 8

19h00 *Last Angel of History + Sun Ra: The Brother from Another Planet* 103' + debate

21h30 *Territories + BaadAsssss Cinema: A Bold Look at 70's Blaxploitation Films* 83'

QUINTA / THURSDAY 9

19h00 *Born in Flames* 80'

SEXTA / FRIDAY 10

15h30 *Sweet Sweetback's Baadasssss Song* 97'

19h00 *The Attendant + Darker Side of Black* 63'

SÁBADO / SATURDAY 11

15h30 *Coffy* 91'

19h00 *Young Soul Rebels* 105'

21h30 *Paris is Burning* 71'

Contactos dos locais / Bilheteira
Venues / Box office

CINEMATECA PORTUGUESA

Rua Barata Salgueiro, nº 39

1269-059 Lisboa

Tel. 213 596 200

Geral / Full Ticket: 3,20€

Amigos da Cinemateca, Estudantes de cinema,

Desempregados / Cinema students,

Unemployed: 1,35€

Estudantes, Cartão Jovem, Maiores de 65 anos,

Reformados / Students, Youth Card,

Over 65-year-olds, Retired: 2,15€

www.africacont.org
queerlisboa.pt

Actividades Paralelas
Other activities

SÁBADO / SATURDAY 4

23h00 *Berries* 49 ZDB

DOMINGO / SUNDAY 5

18h30 *Sassafras Cypress & Indigo-Black* performance @ Galeria Ze dos Bois

jantar @ Terraço Ze dos Bois

22h00 *Running/the better half* performance @ Galeria Ze dos Bois

QUINTA / THURSDAY 9

16h00 *Voguing Workshop* c.e.m.

21h30 *In a Qu*A*re Time and Space* apresentação do livro @ 49 ZDB

SEXTA / FRIDAY 10

16h00 *Voguing Workshop* c.e.m.

SÁBADO / SATURDAY 11

23h00 *Rabbit Hole Kiki Function w/ the House of Melody*

Fontória Blues Caffe & Dinner

Galeria Zé dos Bois

Rua da Barroca, nº 59 / nº 49

1200-049 Lisboa

Tel. 213 430 205

c.e.m. (Centro Em Movimento)

Rua dos Fanqueiros, 150, 1º

1100-232 Lisboa

Tel. 21 8871763

FONTÓRIA BLUES CAFFE & DINNER

Praça da Alegria, 66

1250-004 Lisboa

Tm: +351 914 993 959